



CLARA HETENY - 17 agosto 1919 / 13 setembro 1974

Sua primeira formação ocorreu em sua cidade natal, Budapeste, onde frequentou a Escola de Artes Aplicadas, a Escola de Desenho de Tibor Gallé e o Atelier Strasser. Entre seus professores estão o surrealista francês Marcel Jean e os pintores Sandor Bortnyik e Aurel Bernath, ex-membros da Bauhaus.

Aos 25 anos, Clara aderiu ao Movimento dos Jovens Artistas Húngaros do “Café Revue” e foi uma das “5 jovens” que, em março de 1945, deram origem à primeira manifestação artística pós-guerra na cidade destruída pelo conflito mundial.

Deixando a Hungria em 1948, após um breve período em Roma, Clara foi para o Uruguai e, posteriormente, para o Brasil.

Em São Paulo, conheceu e casou-se com Mauro Francini; lá, participaram ativamente da vida artística brasileira com exposições individuais e coletivas, participações nas Bienais de São Paulo, Salões de Arte Moderna do Rio de Janeiro, obtendo amplo consenso da crítica, prêmios e reconhecimentos. Dedicou-se a atividades teatrais como figurinista e cenógrafa, principalmente no Teatro Brasileiro de Comédia de São Paulo.

De volta à Europa em 1959, morou em Paris com o marido Mauro Francini e seus dois filhos até 1962 e depois em Milão, para onde se mudou com a família, trabalhando como editora na Mondadori, continuando a pintar e expor até sua morte.

Obras de Clara Heteny podem ser encontradas na Pinacoteca do Estado e no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Museu de Belas Artes de Montevideu e em várias coleções particulares na Argentina, Brasil, Uruguai, Peru, Chile, EUA, Canadá, França, Suíça, Alemanha, Áustria, Hungria e também na Itália.

CLARA HETENY EM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS:

“Abstrair é também reduzir a um único conceito, a uma expressão ideal, toda uma soma de sensações naturais, presentes em nós e nas coisas. É no mundo visual que minha pintura busca as formas com o objetivo de organizá-las e equilibrá-las na superfície do quadro. Ao mesmo tempo, ela se apresenta abstrata para mim, pois está ligada a uma percepção pessoal e ideal do que me rodeia. A composição geométrica, feita de linhas horizontais e verticais, permite-me expressar a força interna, a ordem que percebo no mundo material, sendo a cor, ditada pelo temperamento, o meio mais íntimo para me sentir presente no quadro.

...o pintor moderno não se contenta em retratar apenas a aparência das coisas, ele quer alcançar a sua essência através de diferentes ângulos. A pintura moderna é fundamentalmente diferente da antiga, não em um plano exterior, não tanto na maneira de pintar, mas na maneira de pensar, ou seja, de ver as coisas simultaneamente, sob vários pontos de vista. Para terminar, ele analisa e sintetiza os fatos.”

E NAS DE ALGUNS CRÍTICOS E ARTISTAS:

“Suas pinturas são calmas, parecem pintadas ao meio-dia, seguindo um itinerário silencioso e tenaz até chegar a uma expressão pictórica refinada de cor e matéria, e à compreensão de si mesma. Descobre-se no traçado nobre de suas construções o ponto de partida para o sensível e o imaginário. Suas casas são motivo fugaz para o aéreo, o intocável, o sagrado. Sempre conseguindo se expressar em seu trabalho variado sobre um mesmo tema, Clara Heteny me lembra as palavras de Goethe: “trace um círculo ao seu redor e cave fundo”.

ALBERTO GRECO, pintor argentino - São Paulo— 1958

“...destaca-se pela sua graciosidade, pela clareza das suas composições, por esta alusão ingênua à realidade em que vive. A tinta diluída ajuda-a a acentuar, com as suas transparências, a delicadeza dos seus temas.”

ELENA POGGI - "El Nacional" - Buenos Aires - 1958

... a beleza das cores suaves, a delicada solução geométrica da construção e as paisagens de seus quadros me lembram Morandi, um pintor que me é muito querido.

PROF. KURT PINTHUS – Columbia University – 1961

“... estas pinturas impressionam pela unidade da concepção, fazem pensar nas lições de Carrà e Morandi. O simples, o mais simples dos motivos arquitetônicos italianos, geometricamente inserido na superfície do quadro, é delicadamente transformado, poetizado com cores contidas, luminosas: um sopro de cores.”

K.D. – “Stuttgarter Nachrichten” – 1967

As relações entre superfícies de geometria clara dominam as paisagens da pintora Clara Heteny, expostas no Instituto de Relações Exteriores. Temas do Sul da Itália – aldeias, capelas, moinhos, barcos – são representados em cores delicadas, em composições objetivamente simplificadas, sugerindo uma atmosfera de calma e equilíbrio. Essas composições, que testemunham qualidades pictóricas muito notáveis, nunca recorrem a motivos figurativos: o efeito pictórico, penetrantemente concentrado, nasce exclusivamente da coisa representada, sobretudo fachadas de casas, vistas de diferentes ângulos perspectivos.

G.W. – “Stuttgarter Zeitung” – 1967

“Na Galeria Moroni, uma exposição de raro esplendor espiritual. Clara Heteny expõe e devemos declarar que raramente ficamos tão totalmente conquistados por uma graça tão desligada dos pesos da realidade, que se refere apenas a transparências e alusões, segundo um teclado apenas sugerido de temas que reencontramos recompostos em música plena na nossa alma.

É a pintura mais solar e refinada, mais fantástica e, no entanto, mais compreensível, mais ingênua e mais sábia que nos foi dada a ver nestes anos. Acima de tudo, há uma essencialidade construtiva que coincide com a poesia, uma gentileza que se traduz em um canto de boca fechada, um reflexo de terras distantes que nunca tem nada de folclórico. É uma unidade de concepção, uma organicidade de ditado que torna cada tema o eco do outro, assim como o gosto pelas geometrias leva as imagens a espelhar uma abstração que não exclui a narrativa, mas não precisa de palavras. Ela já tem tudo em si mesma na exaltação delicada das transparências, no fio que desenvolve uma pureza de desenho, reduzida às leis eternas que são a alma da harmonia das coisas.

A originalidade de Clara Heteny consiste, portanto, no domínio do tema, que é apenas uma ocasião para transcrever na tela o reflexo de uma contemplação interior. O objeto: casa, campo ou aldeia, é apenas o meio de sua mensagem, refinado como

um instrumento indescritível, que exalta a aparente pobreza dos meios com uma riqueza incomparável e duradoura de sugestões líricas e a castidade da linguagem com uma ressonância de ecos que nos perseguem dentro de nós como se tivessem saído da matriz de nossas palavras desenterradas da imobilidade de silêncios infinitos e trazidas à vida pelo vento inesperado de uma asa desconhecida.

A pintura de Clara Heteny está num patamar tão elevado que torna possíveis todas as convergências. De fato, nunca como diante de seus quadros nos aconteceu sentir a inutilidade das distinções entre pintura abstrata e pintura figurativa e entre crítica pura e crítica viciada por decadências literárias. Porque o meio é uma pintura autêntica sem outros adjetivos e o fim um momento de poesia que espelha o tempo fora do tempo. E é para isso que tendem todas as artes: também a da palavra.

Sua originalidade está na redescoberta de uma candura que se revela imediatamente autêntica e pela qual a coloração suave, deduzida de uma paleta sem brilho, assume um esplendor que não está tanto na intensidade da luz, mas na suspensão arcana que suas imagens evocam.

Sua simplicidade é uma conquista da poesia, assim como para os místicos antigos o maior tesouro era a conquista da pobreza.

ALFIO COCCIA, crítico - Milão - 1968

"Nada mais preciso do que o adjetivo "solar" serve para definir a pintura de Clara Heteny: um sol alto, meridiano, em um céu límpido, queima sobre telhados e casas, arde sobre paisagens desertas.

Em outras obras suas, o sol, presente com sua ação, está visualmente ausente. Nessas pinturas a têmpera e desenhos que a pintora nos apresenta agora, o próprio "sol" tornou-se protagonista: o sol símbolo da força universal, o sol fonte de energia vital para todos e para tudo, o sol roda do tempo, o sol espiral do devir.

Estamos diante de uma visão emblemática cujo mistério devemos penetrar e cuja mensagem devemos descobrir, para sermos acolhidos, para participarmos também dessa "solaridade" antiga como o universo e sempre nova, vital, futura.

Clara Heteny serenamente nos leva pela mão com sua pintura clara, com o toque limpo de seu pincel preciso, com o traço decidido da intuição gráfica e nos leva, serenos, da sombra para a luz radiante do "sol".

MAURO FRANCINI - Milão - 1972

EXPOSIÇÕES:

- Bienal de São Paulo (de 1953 a 1961)
- Salão de Arte Moderna, São Paulo (de 1952 a 1959)
- Salão de Arte Moderna, Rio de Janeiro (1957 - 1959)
- Pintura Abstrata no Museu de Arte Moderna, São Paulo (1957)
- Prêmio Leirner, São Paulo (1958 - 1959)
- Galeria das Folhas, São Paulo (1958 - 1959)
- 9 Artistas de São Paulo na Galeria Antígona, Buenos Aires (1958)
- Galeria Ambiente, São Paulo (1959)
- Exposição de Artistas Brasileiros do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (de 1959 a 1961) Haus der Kunst de Munique, Museu de Arte de Hamburgo, Museu de Arte Moderna de Paris, Atheneum de Madri, Museu de Arte de Lisboa, Museu de Utrecht
- Salão da Mulher Pintora no Museu de Arte Moderna, Paris (1961)
- Galeria Sistina, São Paulo (1961)
- Mostra Internacional de Pequenas Pinturas, Palermo (1963) e Tunis (1964)
- Prêmio Província de Palermo (1966)
- Instituto de Relações Exteriores, Estugarda (1967)
- Galeria Moroni, Milão (1968)
- Verão Valsesiano, Serravalle Sesia (1968)
- Bienal de Gavirate (1970)
- Galeria de Arte Italo-Brasileira, Milão (1972)
- Exposição individual organizada pela Federação Italiana Mulheres Artes, Profissões e Negócios no Palácio Corvaia, Taormina (1993)
- Percursos Artísticos. Heteny e Francini entre a Europa e o Brasil no Palácio Canonici, Barbarano Mossano (2025)

